

governo trouxe à imprensa não necessitam ser detalhadas, bastando situar o problema da ausência de liberdade de pensamento e a institucionalização da censura para compreender quão graves e profundas foram. A caricatura, para só mencionar um aspecto da situação, entrou em decadência; não poderia sobreviver em tal clima: “A partir de 1937, com a implantação do Estado Novo e a criação do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), a caricatura política brasileira, que dera os mais belos frutos até então, perdeu terreno, arrefeceu o ímpeto, asfixiada por oito anos de pressão policial, notando-se no particular a circunstância de se comemorar justamente naquele ano *um século* do seu aparecimento entre nós (14 de dezembro de 1837-10 de novembro de 1937)”⁽³²²⁾. A falta de liberdade liquidara a caricatura, ou melhor, o que aparecia, então, era caricatura da caricatura: “Compreende-se assim, facilmente, que ninguém mais do que a caricatura precisa de liberdade, para a criação de suas obras tantas vezes capazes de atravessar o tempo. Era assim que em pleno Estado Novo, falando à *Revista da Semana*, em agosto de 1944, o mesmo J. Carlos afirmava categoricamente a decadência vertiginosa da caricatura, entre nós, por falta de ambiente propício, porque ‘reproduzir nos jornais, deformando-se, a cara de pessoas ilustres, famosas ou conhecidas por qualquer motivo, não tem nenhuma significação’ – não sendo diferente a atitude de Alvarus, ao ser ouvido na mesma ocasião: ‘Atualmente, a caricatura política está reduzida a dois bonecos, um virado para o outro, debaixo dos quais se escreve uma legenda qualquer. A família da caricatura está seriamente doente: intoxicação totalitária’ ”⁽³²³⁾.

O irrompimento da segunda Guerra Mundial, em 1939, teria reflexo muito profundo no Brasil: na fase inicial, de avanço vitorioso e irresistível das forças nazistas, fascistas e nipônicas, esses reflexos foram no sentido de fortalecer o regime totalitário aqui dominante; o Brasil adotou posição neutra, o noticiário da imprensa e do rádio mostrava isso; a partir da entrada dos Estados Unidos no conflito, em 1941, aqueles reflexos se fizeram em sentido oposto; a entrada do Brasil na guerra, no segundo semestre de 1942, foi, realmente, a consolidação dessa mudança: o Estado Novo começou a deteriorar-se rapidamente. No decorrer dessa evolução, a imprensa teve condições para desafogar progressivamente as suas manifestações. A maioria dos jornais tomou o partido dos países que combatiam o nazi-fascismo: a propósito do que ocorria no exterior, as críticas visavam o que acontecia no próprio Brasil. A caricatura, assim, lentamente libertada, foi,

(322) Herman Lima: op. cit., pág. 159, I.

(323) Herman Lima: op. cit., pág. 30, I.